

REVISTA MEMÓRIA **LGBT**

www.memorialgbt.com

de i
croquettes

Revista Memória LGBT – Ed. 10 – Ano 4 – ago / set 2016

Distribuição gratuita

ISSN 2318-6275



9 782318 627502

Editorial

A Revista Memória LGBT, desde 2013, desenvolve ações pró-memória de travestis, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais por meio da difusão e preservação dos bens culturais deste grupo historicamente excluído.

Em sua X edição, a Revista Memória LGBT debaterá as eleições municipais e ressalta a importância de votar em candidatxs LGBT e/ou com propostas para a comunidade. Em seguida, Pedro Augusto Chaves, apresenta sua pesquisa sobre os DZI Croquettes, com um belo texto e uma significativa seleção de imagens. A edição conta, ainda, com cobertura da XX Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Não podíamos nos esquecer de um dos filmes mais comentados do meio, São Paulo Hi-Fi, enviado carinhosamente pela produção do filme. Na seção museus, apresentamos ações em museus que promovam e preservem a memória LGBT, como a, Política Australiana de Museus pró-LGBT, o Museu da Diversidade e o Museu Nacional Stonewall.

Por fim, lembramos que a Revista Memória LGBT é um espaço aberto para todas pessoas interessadas em compartilhar suas memórias, histórias e ideias que colaborem na superação das fobias à diversidade.

Beijos

Tony Boita

Expediente
Revista Memória LGBT
Ano 4 – nº 1 – ed. 10
setembro/outubro
ISSN 2318-6275
www.memorialgbt.com
revista@memorialgbt.com
Distribuição Gratuita

Revista Memória LGBT

Redação: Aline Inforsato, Pedro Augusto Chaves e Tony Boita

Revisão: Jean Baptista

Direção de Arte: Aline Inforsato

Corpo Editorial: Andressa Mourão Duarte, Bruna Andrade Irineu, Bruno Silva Kauss, Bernardo Dall’Olmo de Amorim, Danielle Agostinho Cristiano Figueiredo dos Santos, Dário Ferreira Sousa Neto, Edegar Ribeiro Júnior, Franciele Monique Scopet dos Santos, Gabriela Paes dos Santos, Geanine Vargas Escobar, Guilherme Gomes Ferreira, Hagá Galvão Araujo, Henrique Luiz Caproni Neto, Jainara Gomes de Oliveira, Jean Baptista, José Baptista de Mello Neto, José Cleudo Gomes, Karyna dos Santos Figueiredo Dutra, Lucia de Fátima Socowski de Anello, Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza, Marco Aurelio de Almeida Soares, Michelle Barbosa Agnoleti, Rodrigo Andrés Azócar González, Thiago Gomes Viana.

Agradecimentos: Aline Inforsato, Pedro Augusto Chaves, Jean Baptista, Produção do Filme *São Paulo Hi-fi* e Lufe Steffen

Todos Direitos Reservados a **Editora Nós**

Distribuição Gratuita

Você poderá pesquisar, comunicar e estudar a **Revista Memória LGBT** desde que autorizado.

Entre em contato:
contato@memorialgbt.com

A revisão dos textos é de responsabilidade dos autores dos artigos.

Sumário

ELEIÇÕES 2016

Eleições municipais 2016 - Candidat@s LGBT **4**

EXPOSIÇÃO EM REVISTA

Dzi Croquettes: entre pelos, purpurina e teatralidade **6**

CINEMA

“São Paulo em Hi-Fi”: uma trajetória atemporal na memória LGBT **12**

PARADA

A 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em combate à Transfobia **14**

MUSEUS

Política Australiana de Museus Pró LGBT **16**

Museu da Diversidade **18**

The Stonewall National Museum & Archives – Fort Lauderdale **19**

SAÚDE

Saúde das lésbicas **20**

Saúde dos gays **22**

Saúde das pessoas trans **24**

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2016 Candidat@s LGBT

Se falamos sobre políticas públicas para a população LGBT, precisamos falar sobre as Eleições Municipais que acontecerão em 2016. A cada dia que passa a população brasileira vem se conscientizando da importância de cada voto e de como se dá o reflexo em sua vida diária. Para a população LGBT com sua pauta específica – que ainda discute direitos básicos, é importante manter especial atenção para a escolha do candidat@.

Site consultado:

<http://paradasp.org.br/votelgbt-projeto-mostra-pesquisa-realizada-na-parada-do-orgulho-lgbt-de-sp/>



Campanha #VoteLGBT

Durante a Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais e a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo foi realizada uma pesquisa pioneira para o entendimento do perfil e opinião da população LGBT.

Nos dias 28 e 29 de maio, 1.122 pessoas responderam o questionário elaborado, e também interpretado por pesquisadores da USP, Unifesp e Cebrap. O questionário era composto por perguntas sobre as opiniões com relação ao movimento LGBT, às eleições municipais e à conjuntura política nacional.

Ficou identificado como o político com maior grau de confiança o deputado federal Jean Wyllys (Psol-RJ), único congressista assumidamente LGBT e autor do projeto de lei que regula o casamento igualitário: 52,3% da Caminhada declararam confiar muito em Wyllys.

Curiosamente a histórica aliada do movimento LGBT, a senadora Marta Suplicy teve expressiva rejeição, 61,6%.

E essa desconfiança se reflete na avaliação de políticos específicos. Jair Bolsonaro (PSC-RJ), deputado abertamente LGBT-fóbico, é o mais mal avaliado, com a reprovação de 96,8% das pessoas entrevistadas, seguido por José Serra (PSDB-SP) com 91,2% de rejeição.

Já a rejeição a Michel Temer na presidência da República foi explícita, 0,7% desejam que o vice se mantenha à frente do governo federal. A percepção de que o governo Temer não é favorável a LGBTs é ampla: 87,3% concordam totalmente que Temer representa um retrocesso nos direitos LGBTs.

Apenas 0,7% concordam totalmente que os políticos representam a população LGBT. Visivelmente essa população não se sente representada pelos políticos.

Atos políticos

Há uma discussão muito grande sobre se as manifestações LGBT são manifestações políticas, atos de protestos ou se são apenas festas. Essa discussão passa, inclusive, pela problematização do conceito de política: ele deve ou não incluir a diversão?

Fato é que reivindicações do movimento LGBT, como por exemplo: casamento igualitário, o direito de LGBTs adotarem filhos e o direito de travestis e transexuais adequarem seus documentos a sua identidade de gênero, bolsa de estudos para travestis e transexuais em situação de pobreza, são assuntos que estão em pauta há bastante tempo e com poucos avanços.

Na pesquisa o grau de concordância dos entrevistados com relação as reivindicações foi alto. Todas elas receberam alto grau de aceitação, pelo menos acima de 70%. Portanto, a população que está na rua possui grande concordância com reivindicações do movimento LGBT.

Cabe agora, a vontade chegar aos gabinetes e enfim se transformar em leis.

É candidat@ LGBT? Possui pautas para a comunidade LGBT em sua candidatura? Queremos entrevistar você! Escreva para revista@memorialgbt.com

EXPOSIÇÃO EM REVISTA

Oxi Croquettes: entre pelos, purpurina e teatralidade.

Pedro Augusto Chaves*

**“Nem homem, nem
mulher. Gente”**

*Graduando de História na Universidade Estadual Paulista, campus de Franca

O Brasil dos anos 60 foi o bastidor que favoreceu o nascimento de uma das maiores companhias artísticas da história do País. E dos bastidores logo passaram ao prosclênio, como procuraremos apresentar aqui.

Em um dos seus momentos mais rigorosos, com a instauração do Ato Institucional nº 5 (13. dez.1968), o aumento significativo da censura, do medo e da violência, surgiu um grupo formado por homens que marcaria os periódicos daquela época e as cabeças daqueles que, por ocasião dos espetáculos, puderam presenciar sua expressividade. Eram homens com corpos definidos e cobertos de pelos, mas que ao

mesmo tempo entravam em cena trajando acessórios considerados femininos, como saltos altos, cílios postiços e muita purpurina. As cenas eram distribuídas entre os integrantes e apresentavam um grau de improviso bastante peculiar, considerando que as falas e intervenções eram guiadas tanto pelo humor do ator em cena, quanto pelas reações do público que o assistia. Nelas eram questionados modelos sociais, religiosos e institucionais, tais como os estereótipos de homem e mulher, a Igreja, através de uma freira que esconde embaixo do hábito uma *lingerie* super ousada, do mesmo modo que a própria figura do Hitler, líder do nazismo na Alemanha, que entrava com um capa-

cete militar coberto de purpurina e um vestidinho curto. A estética que alfinetava os papéis sexuais estabelecidos socialmente foi considerada por muitos como o tema central do grupo, tendo destaque nos comentários do público em geral e, principalmente, nas publicações da imprensa interessada. No entanto, como destaca a antropóloga

Como ressaltou Sábado Magaldi, 'os artistas se assumem e se criticam, marginalizam-se no undergroud e caçoam do gênero, vestem-se de mulher mas não se depilam ostentando largas barbas.

Rosemary Lobert em sua dissertação *A Palavra Mágica: a vida cotidiana dos Dzi Croquettes*, defendida em 1979 (Unicamp), a expressão dos gêneros e dos papéis sexuais será apenas um dos elementos conceituais do grupo, não podendo abarcar assim sua totalidade.

A família

A *família* era composta por 13 homens, dentre eles Wagner Ribeiro, Lennie Dale, Cláudio Gaya, Ciro Barcelos, Reginaldo de Poli, Bayard Tonelli, Rogério de Poli, Paulo Bacellar, Benedictus Lacerda, Cláudio Tovar, Carlinhos Machado, Eloy Simões e, mais tarde, o cenógrafo Américo Issa. O termo *família* foi atribuído pe-

los próprios integrantes, uma vez que após a formação do grupo o cotidiano de cada um estava intimamente incorporado com os projetos e as ideias acerca do espetáculo. O papel de cada um no grupo remetia à estrutura familiar de lares e comunidades comuns, onde a mãe (Wagner) desempenhava a tarefa de acolher todos os integrantes e idealizar o conjunto, o pai (Lennie Dale) era responsável por determinar as tarefas e supervisioná-las; as tias, por outro lado, eram responsáveis pelas finanças e dessa forma seguia para os demais membros da *família*. É interessante pontuar que naquele tempo os preceitos sobre a formação familiar tradicional já eram

fortemente questionados pelo espetáculo, através das representações que abordavam novas formas de relações familiares e que não se davam exclusivamente por consanguinidade ou entre homem e mulher. Além disso, como salientou Rosemary, a amizade seria um eixo fundamental no recrutamento dos integrantes que formariam o grupo e, consequentemente, o espetáculo.

Apesar do vínculo pessoal entre os integrantes ter sido esboçado antes mesmo da formação do espetáculo, o histórico de cada um apresenta realidades distintas do que normalmente é imaginado. Wagner, nascido na cidade de Bebedouro, interior de São Paulo, seguiu a princípio os desejos da

família e matriculou-se na Faculdade de Filosofia e Medicina com o intuito de estabelecer uma carreira médica, onde, por sua vez, decidiu finalmente transferir seus estudos para a Escola de Belas

O teatro nesse período sofria com a insegurança de que até o último minuto o espetáculo pudesse sofrer alterações pela censura [...] É justamente neste momento que surge o Dzi Croquettes munido de crítica, purpurina e paetês [...]

Artes para o Conservatório Nacional. O ambiente estudantil foi o local de encontro com outros dois integrantes, Roberto, de 20 anos, e Claudio Gaia, de 24 anos, o primeiro ex-aluno de um colégio militar e, naquele momento, empregado bancário, e o segundo, bolsista do Conservatório. Como relata a antropóloga, durante cerca de dez anos após a conclusão dos estudos suas experiências artísticas foram muito mais felizes no espaço privado do que pelas vias formais da classe artística, descobrindo as nuances da representação cênica a partir do ensaio de personagens fictícios e da criação de fantasias.

Desmotivado com o cenário comercial oferecido pela boutique, Wagner, na época com 38 anos, encontra nos amigos Reginaldo e Bayard uma maneira de acalantar suas crises existenciais. Isso se dava no encontro eventual e corriqueiro num bar em Copacabana

(RJ), onde os amigos se reuniam para conversar sobre a vida e planejar os próximos passos de suas trajetórias artísticas. Este seria o encontro que ficaria na memória dos integrantes como símbolo do

surgimento do grupo e, sobretudo, do nome *Dzi Croquettes*. Entre as mais variadas versões sobre a origem do nome, a que se tornou mais coerente foi a seguinte: “Eu [Bayard] sem-

pre curti muito o pronome inglês *the*, [que] também poderia ser o zê português. E como a gente no bar comia croquetes, porque não batizar o grupo [de] *Dzi Croquettes*”? (Veja, 1973). E assim foi possível explicar o nome que tanto intrigava as pessoas. Reginaldo, de 23 anos, ainda acompanhado pelo traje formal de terno e gra-

vata, estava vinculado ao meio artístico por influência de seu irmão Roberto, que participava como cantor de auditório e fazia pontas em filmes e peças de teatro na época. Bayard, com 24 anos, encerrou no terceiro ano sua graduação em arquitetura para se dedicar a vida de modelo fotográfico e ator, firmando o traslado São Paulo–Rio de Janeiro. Segundo Wagner, essa era a oportunidade de trabalhar com algo que transbordasse suas “próprias medidas”, fazendo teatro, música e também organizando a boutique, ou seja, unindo “o útil ao agradável”. Paulo, conhecido como Paulette, na época com 18 anos, era encarregado inicialmente das “relações públicas” como, por exemplo, a divulgação e venda das roupas de couro produzidas por Wagner aos artistas de televisão. Sua energia extremamente divertida foi o que impulsionou a sua participação no grupo. Ciro, com 19 anos na época, teve em



Grupo reunido e maquiado.

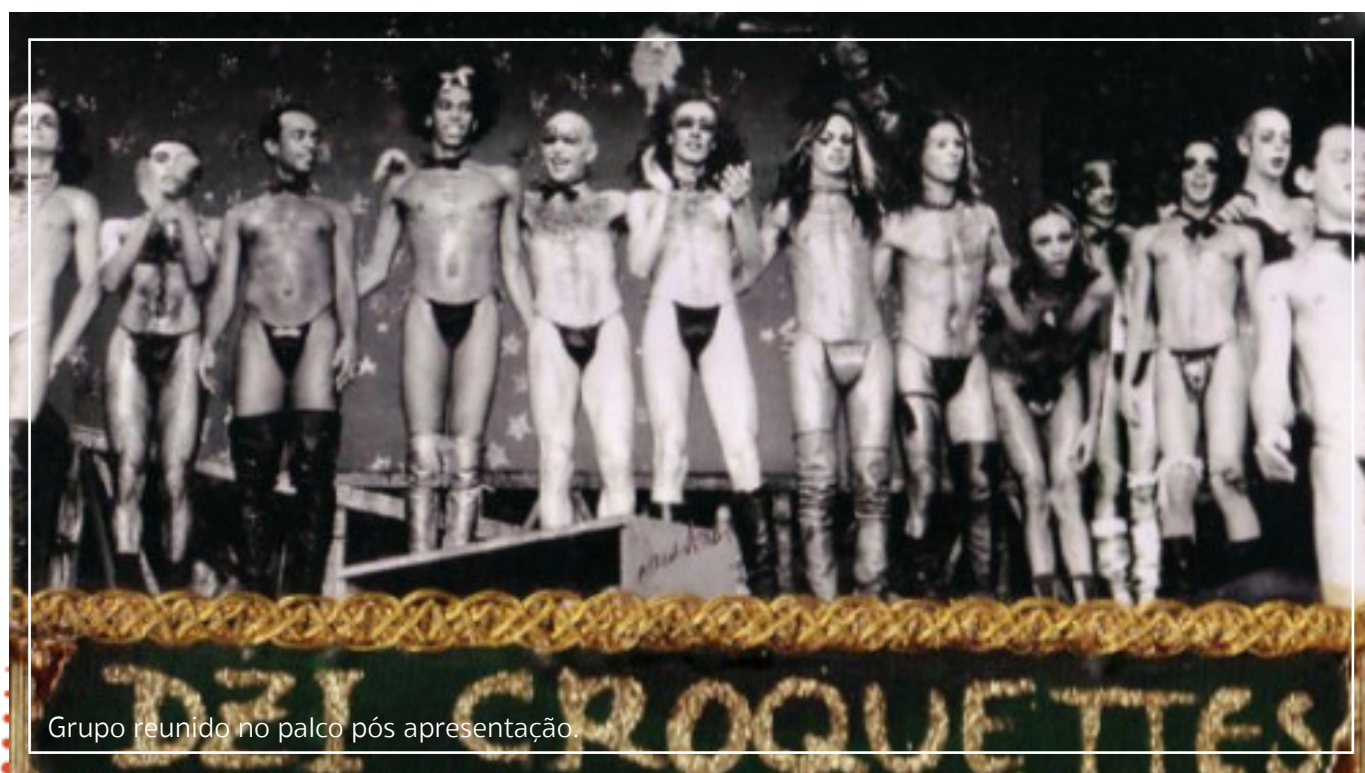
seu favor as aulas de dança feitas quando ainda morava no Sul. Em São Paulo, foi recolhido por um futuro integrante do grupo que o levaria para o Rio de Janeiro, onde conheceu Bayard e Rogério e, posteriormente, o universo de Santa Tereza, residência de Wagner. Lennie Dale já era conhecido no Brasil por suas participações em programas de televisão e sua dança irreverente. Nascido no Brooklyn (NY), filhos de imigrantes italianos, na época do espetáculo com 38 anos, começou a dançar aos cinco. Benedictus Lacerda, conhecido como Benê, nasceu no Rio de Janeiro e tinha 24 anos. Não tinha propriamente um histórico artístico consolidado, possuindo como experiência alguns cursos de economia política, três anos de administração e experiência de empregado bancário. Cláudio Tovar, inicialmente

vinculado ao conjunto denominado *tietes* (apelido dado pelo grupo aos seus seguidores mais fiéis e que, de certa forma, se infiltravam na rotina do grupo), com 29 anos, foi pós-graduado em arquitetura e teve algumas experiências como cenarista e desenhista. Entrou no grupo depois de se relacionar mais intimamente com os membros do grupo e pedir para participar de uma apresentação, oportunidade que inaugurou sua carreira artística dentro do Dzi. Américo Issa inicialmente entra no grupo como camareiro do Lennie e, por fim, conquista um espaço fixo nas apresentações já que, vira e mexe, precisava cruzar o palco para acrescentar algo no cenário ou no figurino, coisa que fazia sempre com muita classe e criatividade. Carlinhos, carioca, conhecido também como Lotinha, integra o grupo dos no-

vos integrantes. Na época com 29 anos, teve uma carreira artística permeada por um espetáculo que viajou a Europa e conservava uma amizade com Lennie, desde que dançaram juntos em anos anteriores. A composição do grupo é fixada, pouco tempo depois, com a entrada de Eloy, de 22 anos, que vinha de Bauru, interior de SP, e trazia a experiência com o grupo de teatro “Transa Nossa”. É importante destacar que apesar dessa apresentação estabelecida pelas profissões anteriores e as carreiras anteriormente trilhadas, o grupo enfatizava um caráter desprendido dessas formalidades e evitava um enquadramento rígido e categorias ordinárias.

O espetáculo

O teatro nesse período sofria com a insegurança de que até o último minuto o espetáculo pu-



Grupo reunido no palco pós apresentação.



Paulo, conhecido como Paulette.

desse sofrer alterações pela censura ou mesmo ser proibido, uma vez que esse espaço carregava uma atmosfera de subversão em termos político, semelhante, ou ainda maior, a de produção de cultura, como destacou Rosemary Lobert. É justamente neste momento que surge o *Dzi Croquettes* munido de crítica, purpurina e paetês, contrariando as categorias sociais e propondo uma transformação comportamental capaz de ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço.

No início era idealizado um “conjunto musical” que aproveitasse a criatividade e as experiências carregadas pelos mais variados artistas que compunham o grupo, artesões, pintores, músicos, dançarinos, entre outras áreas. Apesar da tão sonhada independência econômica ser um desafio, o tempero contava com muitas roupas, maquiagem e purpurina, características que surpreenderiam

o público num primeiro contato uma vez que esses artifícios não eram mais utilizados a tempo. O projeto teve maior destaque após a participação do coreógrafo Lennie Dale, responsável por trazer as técnicas de dança e um ritmo acalorado para o grupo. Ao contrário do que se esperava de um teatro brasileiro, que na época se afirmava pela difusão de peças e artistas excepcionalmente nacionais, o espetáculo trazia um coreógrafo norte-americano e era carregado de falas nos mais variados idiomas, dado que a maioria dos integrantes dominava o inglês, o francês e o espanhol.

Os atores criaram uma indústria que contestava todos os padrões socialmente vistos, seja de figurinos de teatro ou de fantasias extravagantes. Tudo apontava para a dissonância criada entre os corpos masculinos e as roupas tidas como femininas. Como ressaltou Sábato Magaldi, “os artistas se assumem e se criticam, marginalizam-se no undergroud e caçoam do gênero, vestem-se de mulher mas não se depilam ostentando largas barbas” (Jornal da Tarde, 1973). A constatação de que aquilo não poderia ser interpretado pelas vias racionais pode ser uma das chaves principais do grupo, que prendeu a atenção do público e da imprensa e fez com que tanto sua forma quanto seu conteúdo fossem altamente criticados por todos.

Pensando na elaboração da peça, os atores apresentavam os personagens por um misto de características pessoais e elementos

fantasiosos. As intenções ultra-passam muitas vezes o limite do real, o vestuário extravagante, o rosto coberto de purpurina e os cílios enormes destoavam da voz grave que saía da boca dos atores. Uma coisa era certa, o espetáculo não tinha destino, nem sexo definidos. A apresentação contava também com um repertório musical carregado de emoção e sensibilidade. Como é o caso da cena de bolero feita inicialmente por Lennie Dale e Wagner Ribeiro, transbordando os sentimentos pessoais em meio aos passos e à coreografia ensaiados.

Uma das cenas do espetáculo que pode ser considerada uma das mais marcante é a que os atores entravam em cena vestidos com asas enormes feitas de tecido, flutuando pelo palco ao comando de um dos integrantes que narrava o voo com um toque internacional. A leveza do movimento das asas contrastava com os corpos desnudos e peludos dos atores em cena, deixando o



público extasiado com a beleza e a simplicidade da apresentação. O espetáculo foi apresentado nas principais capitais do País, onde o misto de sucesso e estranhamento contribuiu para que o grupo viajasse à Europa, quebrando inclusive as barreiras impostas pelas fronteiras.

Purpurina pra todo lado

Na Europa, o espetáculo teve uma recepção acalorada, mesmo que em companhia da incompreensão. Muitos artistas puderam testemunhar o paradoxo entre o sucesso e a proibição. Após o espetáculo ser censurado em Paris, a atriz e cantora Liza Minnelli apoiou o grupo publicamente, provocando uma comoção geral no universo dos artistas e da mídia internacional.

Os estilhaços do trabalho e da irreverência do grupo atingiram muitos artistas, influenciando na construção de personagens, estilos e, conseqüentemente, em suas trajetórias artísticas. Dentre eles, é possível apontar como exemplo o cantor Ney Matogrosso e o grupo o qual fez parte em meados na década de 70, Secos e Molhados, onde percebe-se traços dos Dzi na maquiagem que cobria seus rostos, no figurino que expressava a mistura dos gêneros e, claro, na interpretação que contagiava os palcos e a plateia. No teatro e na atuação, a purpurina alcançou artistas como Miguel Falabella, Jorge Fernando, Cláudia Raia, Betty Faria e tantos outros que tiveram ao menos um contato breve com o espetáculo. Não podemos es-



quecer das mulheres que compunham o grande grupo de *tietes* e marcavam presença em todas as apresentações, sempre vestidas e maquiadas como se a qualquer momento fossem participar do espetáculo. Desse estilo de vida nasceu *As Frenéticas*, grupo formado por mulheres que transmitia a expressividade criada pelo Dzi através das músicas que agitaram os bailes da época, como por exemplo, “*Abra suas asas*”, grande sucesso que ultrapassa gerações. Além disso, o grupo foi responsável por resgatar um vocabulário bastante utilizado nos espaços marginalizados da época, criando assim um dicionário *Dzi Croquettes* e eternizando expressões como “Tá boa, santa”, “Te contei”, entre outros dizeres que de uma forma ou de outra cruzam os caminhos dessa arte. A adesão foi sem dúvida nenhuma unânime, seja nas trocas entre os artistas e o público ou nas manifestações sociais que rodeiam o trabalho, o

lazer, as relações amorosas e as vidas cotidianas.

Atualmente é possível conferir um pouco desse encanto através do documentário que leva o nome do grupo, produzido em 2009 pela dupla Tatiana Issa, filha de Américo, e Raphael Alvarez. O projeto inclui entrevistas exclusivas com alguns integrantes do grupo e com aqueles que viveram a magnitude desse estilo de vida. As cenas de abertura sintetizam os pontos de relação entre a ditadura militar e produção artística. A iniciativa surgiu da surpresa por parte dos organizadores após pesquisar sobre o conjunto e não encontrar muita coisa. No ano passado o Dzi ressurgiu com a proposta dirigida por Ciro Barcelos, dispondo de elementos da primeira formação, mas com uma repaginada relativa aos dias atuais. Essa lacuna precisa ser preenchida por reflexões sobre o grupo, o espetáculo, a teatralidade ou mesmo... por purpurina!

"SÃO PAULO EM HI-FI":

UMA TRAJETÓRIA ATEMPORAL NA MEMÓRIA LGBT

Um dos grandes clichês sobre o Brasil é de que trata-se de um país sem memória. Se isso é verdade de maneira geral, o que dizer da história da comunidade LGBT local? Pois nos últimos anos esse cenário vem mudando. Diversas iniciativas (no cinema, no teatro, na literatura, em festivais, mostras e exposições) têm se dedicado a resgatar o baú de memórias do universo LGBT brasileiro. E uma das ações mais midiáticas nesse sentido tem sido o filme "São Paulo em Hi-Fi".

O longa-metragem é um documentário histórico que vem fazendo uma curiosa e surpreendente carreira desde sua 1ª estreia, em novembro de 2013. Na ocasião, o filme foi exibido dentro do Festival Mix Brasil, e passou a circular em festivais de

cinema gay (no Brasil e no exterior), recebendo alguns prêmios – como o de Melhor Documentário pelo Júri Popular no Queer Lisboa, em 2014.

No ano de 2015, o filme ficou longe dos holofotes, pois estava sendo remontado – a obra recebeu um apoio para ganhar nova finalização, e assim uma nova versão foi produzida (as mudanças aconteceram na parte técnica de som e cor, além das inserções de arte e, principalmente, grandes alterações na trilha sonora). O filme ganhou sua versão definitiva, que estreou oficialmente em circuito no CineSesc, em São Paulo, em 19 de maio de 2016.

De lá para cá, o longa segue ininterruptamente em cartaz. Após sete semanas consecutivas em São Paulo, o documentário passou a ser exibido em outras cidades: Santos, Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Belém, Salvador, Porto Alegre. E outras cidades já estão programadas.



Texto e fotos: Divulgação São Paulo Hi-Fi

Um feito e tanto para um filme que acumula três pontos “negativos”, quando se trata de atrair público para as salas de cinema: é um documentário, é brasileiro, e tem temática LGBT. Mas o sucesso do longa mostra que o público interessado na história e na memória do universo gay está cada vez mais forte e presente.

E nesse quesito “São Paulo em Hi-Fi” mostra a que veio: no filme, assistimos a uma detalhada linha do tempo sobre a cena noturna LGBT da cidade, iniciando em 1960 e encerrando em 1990. São três décadas configurando uma “era de ouro”, quando a noite gay paulistana esbanjava glamour e luxo com seus exuberantes shows



de transformistas (espetáculos inspirados diretamente nos cabarês parisienses do século XX), além do deboche e da irreverência das memoráveis “montações” – as mais lendárias que o filme resgata são Darby Daniel chegando à boate Medieval vestido de Branca de Neve, dentro de



um caixão de vidro; e claro, a inesquecível Wilza Carla chegando ao mesmo Medieval, mas cavalcando um elefante em plena Rua Augusta.

O filme costura a narrativa de depoimentos dos sobreviventes do período com cenas de shows nas casas noturnas da época (como o próprio Medieval, além da Corinto, Homo Sapiens e Nostro Mondo), criando assim uma estrutura de “filme musical”, que se aproxima do clássico “Cabaret” (1972, de Bob Fosse). E dessa forma monta um painel abrangente que narra a vida gay no período, tendo como pano de fundo a ascensão, apogeu e queda dessa tal era de ouro, que enfim foi derrubada por um inimigo invisível e na época extremamente poderoso: a epidemia da Aids, que devastou o planeta a partir de meados dos anos 80.

Toda essa epopeia é mostrada no filme, que defende a ideia de que, na virada dos anos 80 para os 90, essa noite gay clássica sai de cena, abrindo espaço para que, nos 90’s, surja uma nova cena, encabeçada pelo movimento clubber, a explosão da música techno e das raves, o nascimento da internet e a proliferação da vida eletrônica e virtual – uma cena que pavimentou o caminho para a realidade que todos vivemos hoje.

“São Paulo em Hi-Fi” segue sua jornada de resgate dessa memória, e para conhecer o filme, basta acompanhar sua página no Facebook (facebook.com/saopauloemhifi). Lá, são divulgadas as próximas sessões, datas, cidades, além de informações sobre o lançamento do filme em DVD – previsto para o segundo semestre do ano.

PELA CRIMINALIZAÇÃO
DA LGBTFOBIA!

Pedro Augusto Chaves: *Graduando de História na Universidade Estadual Paulista, campus de Franca

O evento realizado no centro da capital de São Paulo marcou o calendário no último domingo do mês de Junho, dia 29, reunindo cerca de 2 milhões de pessoas, segundo seus organizadores. A escolha do mês remete à memória circunscrita pela Revolta de Stonewall, marco das manifestações que buscaram reivindicar pautas relativas ao movimento LGBT ocorrido em Nova York, na década de 1960. A edição deste ano teve como tema o combate à transfobia e a visibilidade dedicada a este grupo que permanece marginalizado dentro do próprio movimento que leva a inicial T em sua sigla. As faixas atadas por todo o percurso da manifestação enunciavam os seguintes dizeres: “Lei de Identidade de gênero, já!”, “Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!”, sem deixar de lado aquilo que marcou os cartazes da vigésima edição, “FORA TEMER!”, destinado ao presidente interino que assumiu o cargo em face das diversas contradições.

A concentração foi marcada em frente ao Museu de Arte de São Paulo (MASP) para 10h e a saída dos trios elétricos para 13h. A caminhada contou com a presença de 17 trios que tiveram temas relacionados às principais pautas levantadas pelo movimento, dentre eles, Trio Visibilidade Trans, Trio Mães pela Diversidade, Trio Visibilidade Lésbica, Trio Lei 10.948, assim como o Trio Skol, que foi uma das empresas patrocinadoras do evento e reuniu vários artistas da nova geração. Entre as atrações estavam a drag queen Pablo Vittar, Omolu, Dj Gorky,

além da dupla Pepê & Neném e mais de 30 DJs. O trajeto permaneceu o mesmo do ano anterior, com saída da Avenida Paulista e descida pela Rua da Consolação. A previsão de chegada ao Vale do Anhangabaú foi para 18h, onde estava marcada o show de encerramento com artistas que participaram da marcha, como foi o caso do cantor Jalloo.

A estrutura incluiu oito ambulância de UTI, oito ambulâncias de remoção, quatro postos médicos que foram espalhados pelo trajeto, 30 brigadistas, 200 bombeiros e, aproximadamente, 780 banheiros químicos disponíveis para os participantes. Além do alto número de policiais militares responsáveis pelo monitoramento, a passeata deste ano apresentou uma delegacia especializada em crimes raciais e delitos de intolerância, a Decradi. Os

Paulo Pinto (fotos públicas).

Paulo Pinto (fotos públicas).

A 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em combate à Transfobia

patrocinadores desta edição foram a Prefeitura de São Paulo, o Bob's, a Caixa Econômica e a Skol, os quais destinaram a quantia de 1,5 milhão para a estrutura da manifestação que ocupa o ranking de maior Parada do Orgulho LGBT do país. A organização ficou por conta da produtora Four X Entertainment contratada pela Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APO-GLBT), ficando responsável também pela programação da Semana da Diversidade.

A transexual Viviany Beleboni, de 27 anos, marcou presença no evento cumprindo a promessa realizada no ano passado após a sua atuação, altamente criticada, que desfilou crucificada. Nesta edição a sua expressão de protesto trouxe as palavras “retrocesso” e “bancada evangélica” na tentativa de evidenciar as medidas conservadoras adotadas pelo Congresso e por uma parcela significativa dos políticos no poder. É importante ressaltar que o evento é palco para uma sé-

rie de afirmações significativas para a comunidade LGBT na luta pelo combate aos preconceitos e as opressões que a cercam. É o dia que a Avenida Paulista deixa de ser ocupada apenas por empresários e funcionários de colarinho branco e abre espaço para os gays, lésbicas, bissexuais, travestis e pessoas trans que vivem um cotidiano estagnado nas margens urbana, social e política.

Em meio a esse universo complexo de reivindicação pairava também uma atmosfera de diversão, alegria e agitação que contagiava todos os presentes. O evento foi cenário para as gravações da segunda temporada de Sense 8, série da Netflix que traz personagens LGBTs e reflexões importantes que atingem as esferas comportamental, sexual, social, além de questões relativas à identidade. O programa garantiu sua participação com um trio elétrico exuberante, enfeitado de bexigas nas cores do arco-íris e repleto de atores, atrizes, drag queens e convidados. Seguindo essa onda de séries norte-americanas, o trio elétrico da Skol contou com a ilustre presença da drag queen April Carrion, ex participante de Rupaul's Drag Race, reality show que reúne desafios ousados e provas temáticas para um conjunto de drags com talentos muito variados. Além do mais, a caminhada contou com a presença do deputado Jean Willys, a modelo trans internacional Carmen Carrera e a professora trans Luiza Coppieters, todos na luta pelos direitos da comunidade LGBT.

Política Australiana de Museus **Pró LGBT**

Tony Boita

Desde 1993, passou a vigorar na Austrália uma política pró LGBT voltada para a comunidade gay, lésbica e trans no que diz respeito à regulamentação de museus. Essa política deveria operar dentro de um quadro que aceita a diferença e a diversidade como um fator de definição.

A implementação dessa política foi vista como uma ação essencial para que os museus da

Austrália pudessem atender às necessidades de todas as pessoas que foram marginalizadas tradicionalmente pela cultura dominante.

A história e a cultura dos homossexuais têm sido ignoradas ao longo dos anos. Suas lutas, debates e manifestações não faziam parte de nenhum acervo importante, e esse era preciso modificar esse cenário.

Hoje em dia, com uma política de identificação muito maior envolvendo gays e lésbicas, a história dessa comunidade tem tido um destaque culturalmente importante para a sociedade australiana.

A política australiana de museus pró LGBT valoriza o papel e a importância do museu na sociedade, bem como o efeito positivo que a aceitação de



questões ligadas aos direitos dos gays e lésbicas pode ter sobre a sociedade.

Essa política não pretende forçar os museus a convencer o seu público sobre qualquer tipo de ponto de vista, e deve ser considerada como um convite para dar início a um diálogo entre as comunidades gays e lésbicas.

Os idealizadores da política australiana de museus pró LGT reconhecem que a mudança na administração dos museus em geral pode ser lenta, no entanto, já é possível encontrar casos de entidades que aderiram brilhantemente à proposta.

O objetivo principal da política é garantir que gays e lésbicas tenham seus interesses representados dentro de programas educativos, coleções e demonstrações públicas no museu.

Mardi Gras Museu Pró LGBT

A exposição inaugural do primeiro Museu gay e lésbico Australiano ocorreu em abril de 2013 e obteve atenção mun-

dial. A exposição conta desde o início da parada gay, nos anos 1970, até os dias atuais.

Para uma emissora líder e ativa dos direitos dos homossexuais, o museu e sua exposição é tão importante quanto as instituições que preservam a história judaica e o passado militar da Austrália.

Para Julie McCrossin, é possível compará-lo ao Memorial de Guerra Australiano. A importância do museu e de suas obras tem origem histórica. Na década de 1970, a homossexualidade era considerada como um crime em NSW.

As pessoas que cresceram na Austrália naquela época foram ensinadas a pensar que a homossexualidade era uma doença, que era contra a vontade de Deus, uma prática proibida para homens e mulheres.

Manifestantes saíram às ruas para protestar contra a forma como a homossexualidade era vista e foram tratados brutalmente pelos policiais, o que

provocou uma campanha que culminou com a despenalização do comportamento homossexual masculino em 1984.

No museu, todas essas etapas são retratadas por meio de fotografias, figurinos, manchetes de jornais, cartazes e arquivos de gays e lésbicas australianos. A importância de uma iniciativa como essa em apoio aos gays e as lésbicas é de uma veracidade incontestável.

Qualquer integrante da comunidade LGBT certamente ficaria emocionado ao se deparar com uma obra como essa. Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade norteadada pelo preconceito, onde é difícil ter acesso aos nossos direitos sem passar pelo mínimo de constrangimento.

Quando nos deparamos com uma causa Pró LGBT como é o caso desse museu australiano, nossa percepção sobre o mundo se modifica um pouco e paramos para pensar que ainda há solução, e que as nossas lutas diárias não estão sendo em vão.

Fonte de Pesquisa:

<http://www.australia.com/en/events/2016/february/sydney-mardi-gras.html>

<http://www.starobserver.com.au/news/national-news/new-south-wales-news/mardi-gras-museum-opens-in-sydney/94354>

<http://www.museumsaustralia.org.au/userfiles/file/Policies/glama.pdf>

Vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=LTIH7b4RLBk>



museu

DA DIVERSIDADE

CENTRO DE CULTURA, MEMÓRIA E ESTUDOS DA DIVERSIDADE SEXUAL

Tony Boita

**O Museu da Diversidade Sexual
de São Paulo foi reaberto
em 2013 após uma reforma,
localiza-se no Metrô República,
na saída da Rua do Arouche. E**

O objetivo do museu é valorizar a diversidade sexual no país, a partir da história da população LGBT, do ativismo político e do legado sociocultural, como parte fundamental da cultura brasileira. O que se torna possível ao abrir espaço para artistas que tratam de temas como preconceito, liberdade e diversidade sexual.

O Museu da Diversidade - Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual conta com exposições, filmes, acervo multimídia, depoimentos e mais.

Sua missão é preservar o patrimônio social, político e cultural da comunidade LGBT brasileira por meio de pesquisa, salvaguarda e comunicação de referências materiais e imateriais desse assunto. Com vistas à valorização e visibilidade da diversidade sexual, contribuindo para a educação e promoção da cidadania plena e de uma cultura em direitos humanos.

Apesar de representar uma parcela importante da sociedade, a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e trans-

a entrada é gratuita.

gêneros tem sofrido com a discriminação e violência ao longo do tempo,

tendo como consequência o cerceamento de seus direitos, até mesmo de expressão. É importante frisar que, historicamente, essa população tem influenciado de forma marcante diversas manifestações artístico-culturais, com seu papel importante e transformador da cultura brasileira.

As atividades culturais, educativas e expositivas do MDS têm foco especialmente nas identidades de gênero, orientações sexuais e expressões de gênero das minorias sexuais para estabelecer um espaço de convivência, manutenção da memória da população LGBT e potencializar estudos acerca da diversidade sexual. Promovendo exatamente quem não tem voz na sociedade.

O horário de funcionamento do museu é de terça a domingo das 10h às 18h. Está localizado na Rua do Arouche, 24 - Estação República do Metrô (Piso Mezanino), 01219-000 São Paulo. Para saber mais, visite o site www.mds.org.br

The Stonewall National Museum & Archives – Fort Lauderdale

Aproveite e visite o site:
<http://www.stonewall-museum.org>

Tony Boita

Uma das instituições mais importantes da causa LGBT no mundo é o Stonewall National Museum & Archives. Essa organização sem fins lucrativos trabalha para promover a compreensão da cultura dos gays, lésbicas e bissexuais. Preservando e compartilhando documentos com um papel significativo na sociedade.



Fundado em 1973, o museu e biblioteca tem crescido cada vez mais, tornando-se referência na área. Em seus arquivos constam mais de 21 mil livros e materiais audiovisuais. Os arquivos contam a história da cultura LGBT, com ênfase no sudeste dos Estados Unidos, de pelo menos um século. E conta com mais de 7 mil itens como periódicos, coleções de história oral, registros de associações, manuscritos e muitos outros itens relevantes.

Toda a coleção de arquivos da biblioteca foi catalogada profissionalmente e é mantida de acordo com as normas de conservação e preservação utilizadas no mundo todo. Entre muitas peças e artefatos, é possível ver de perto, incluindo o martelo de “Não Pergunte, Não Diga” (célebre frase associada à questão fiscal americana, tema discu-

tido durante as eleições presidenciais que ao final elegeu Barack Obama) usado por Barney Frank de Nancy Pelosi, que Barney doou à Stonewall.

Se você deseja conhecer esse espaço, o Museu Stonewall - Wilton Manors Gallery está localizado no endereço 2157 Wilton Drive, Wilton Manors, FL 33305. Horário de funcionamento é de Terça-feira a Domingo das 14h às 22h (fechado às segundas).

O Museu Stonewall abriga também a maior biblioteca LGBT nos Estados Unidos. Em um trajeto de menos de 10 minutos de carro você pode sair do museu e conferir todo o acervo da biblioteca no endereço 1300 East Sunrise Boulevard Fort Lauderdale, FL 33304. Horário de atendimento de Segunda-feira a Sexta-feira das 11h às 20h, e Sábado das 10h às 17h (fechado aos domingos).

SAÚDE DAS LÉSBICAS

Redação Memória LGBT

Normalmente, as mulheres lésbicas se sentem inibidas na hora de procurar a ajuda de um ginecologista. Colocar nossa intimidade em cima da mesa em uma sociedade guiada pelo preconceito é uma decisão desafiadora. Nesse artigo, iremos falar sobre a importância da saúde das lésbicas. Muitas mulheres lésbicas não sofrem qualquer tipo de penetração em suas relações sexuais. Para essas mulheres, a consulta com um ginecologista pode se tornar ainda mais difícil. O medo de aparelhos, como o espécuro, por exemplo, fazem com que elas se mantenham afastadas dos consultórios médicos, deixando sua saúde de lado.

Muitas mulheres lésbicas não sofrem qualquer tipo de penetração em suas relações sexuais. Para essas mulheres, a consulta com um ginecologista pode se tornar ainda mais difícil. O medo de aparelhos, como o espécuro, por exemplo, fazem com que elas se mantenham afastadas dos consultórios médicos, deixando sua saúde de lado.

Ainda que não seja possível criar uma estimativa de quantas mulheres lésbicas vão aos consultórios, já que não existe a possibilidade de coletar esse tipo de informação no prontuário médico, é importante apontar a ausência de um espaço próprio para que essas mulheres possam dialogar sobre suas dúvidas, medos e inseguranças.

O descaso por parte dos profissionais de saúde pública, a falta de acolhimento e o medo gerado pelo preconceito claramente existente, faz com que muitas lésbicas saiam do consultório do ginecologista com receitas de pílulas anticoncepcionais e coisas do gênero.

Sem nenhum tipo de orientação, muitas mulheres acreditam que o câncer de útero só acontece com as que estabelecem relações heterossexuais ou que tiveram filhos, o que não é verdade. Com esse pensamento, as lésbicas deixam de prestar atenção aos fatores de risco que podem atingir qualquer mulher.



Visando solucionar esse problema, o Ministério da Saúde implementou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher e a Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT.

Instituída pela Portaria nº 2.836/2011, a política considera a identidade de gênero e a orientação sexual como determinantes sociais da saúde e objetiva à eliminação das iniquidades e desigualdades em saúde dessa população.

A prevenção contra as DST's e contra a AIDS também é absolutamente importantes, por isso a consulta com um ginecologista é essencial. O despreparo dos médicos em relação às diferentes orientações sexuais das mulheres também dificulta a situação.

O medo como parte da saúde das lésbicas

O medo de fazer exames invasivos, como o papanicolau, é completamente compreensível, já

que em muitos casos, essas mulheres nunca tiveram uma penetração na vida. Nesse tipo de situação, é preciso ter uma conversa aberta com o médico, expondo todas as dúvidas e inseguranças.

A equipe médica precisa estar preparada para lidar com esses casos, e tratar todas mulheres com respeito, independente de suas orientações sexuais.

Se as lésbicas já são obrigadas a lidar com o preconceito em tantos lugares, até mesmo dentro da própria casa e vindo da própria família, o consultório médico deve ser um lugar exclusivo para cuidar da sua saúde. O preconceito deve ficar do lado de fora.

Entender a importância da saúde das lésbicas é relevante não só para elas, mas para todos os profissionais de saúde, principalmente para os que cuidam da saúde da mulher. Compreender as necessidades do próximo é uma prática que deveria ser ensinada nas faculdades de medicina.

Se você é lésbica, não tenha medo de cuidar da sua saúde. Procure um profissional de confiança e converse com ele, fale sobre o que você sente, conte qual é a sua orientação sexual e não se anule pelo preconceito de outra pessoa.

A saúde das lésbicas deve ser tratada como uma questão de importância governamental.



Fonte de Pesquisa:

<http://delas.ig.com.br/sausedamulher/saude-de-lesbicas-sofre-com-preconceito-e-desinformacao/n1596821054485.html>

<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/19578-saude-lanca-campanha-sobre-saude-de-mulheres-lesbicas-e-bissexuais>

Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=D_7G2KpHU_A

SAÚDE DOS GAYS

Redação Memória LGBT

Vivemos em uma sociedade onde o preconceito ainda é um problema constante. No artigo de hoje, iremos abordar a saúde dos gays e a importância da conscientização dos profissionais de saúde sobre a necessidade de um tratamento igualitário e sem discriminação para todos os pacientes.

No mês passado, o Ministério da Saúde lançou uma campanha durante a 3ª Conferência de Políticas Públicas de Direitos Humanos de LGBT, em Brasília, intitulada “Cuidar bem da saúde de cada um faz bem para todos, faz bem para o Brasil.”

Essa campanha tem foco na saúde integral e no atendimento humanizado para homens gays e bissexuais. O principal objetivo dessa campanha é conscientizar a sociedade e principalmente os profissionais de saúde, gestores e trabalhadores do SUS sobre a garantia ao atendimento, sem nenhum tipo de discriminação, levando em conta as especificidades de saúde da população gay.

Além da campanha divulgada recentemente, a Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011 institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT), com o objetivo de assegurar o direito à saúde da população LGBT.

Se pararmos para analisar a situação de nosso país atualmente, esse é um avanço incontestável. Nos dias de hoje, o Brasil luta contra uma grave crise financeira que culminou com o afastamento da presidente Dilma e tem gerado muito desemprego.

Além disso, o governo atual conta com uma bancada evangélica onde diversos deputados são contra os direitos dos homossexuais. Ab-

surdos como “a cura gay” são ouvidos por aí e tomados como verdade absoluta por uma boa parcela da população.

É muito importante que o governo intervenha e crie políticas desse tipo para tratar da saúde dos gays. Como seres humanos, todos nós temos o direito ao acesso aos programas de saúde e a um atendimento igualitário e livre de preconceitos.

Infelizmente, ainda é possível encontrar relatos de pessoas que sofrem discriminação ao chegarem a um consultório médico ou a um pronto atendimento público, simplesmente por sua aparência ou por sua condição sexual.

As pessoas devem parar de se preocupar tanto com as escolhas das outras e passar a olhar o próximo com compaixão, fazendo ao outro somente o que queria que fosse feito à ele

As doenças que afetam a saúde dos gays

Um estudo recente levantou quais são as principais doenças e problemas médicos enfrentados pelos homens gays e na lista apareceram males como a depressão, a dependência química e o câncer de próstata.

Normalmente, por sofrerem com o preconceito dentro de suas próprias casas e lutarem para serem aceitos na sociedade, os gays acabam procurando o caminho das drogas, para fugir de tudo o que os atormenta.

Esse é um problema grave, que necessita de tratamento adequado para não acabar se transformando em tragédia. Doenças como a bulimia e a anorexia também fazem parte da lista, e se pararmos para pensar, todas elas estão associadas a fatores psicológicos.



A partir do momento em que você deixa o seu preconceito de lado, você evita que muitos desses problemas apareçam na vida de um homem gay. Você pode até não ter nenhum homossexual na família ou nenhum amigo, mas

tratar um desconhecido com carinho e respeito já pode fazer toda a diferença.

O Brasil começa a dar a devida importância para a saúde dos gays, e você, como cidadão, deve fazer o mesmo e se livrar das amarras do preconceito.

Fonte de Pesquisa:

<http://www.brasil.gov.br/saude/2016/04/campanha-valoriza-atencao-a-saude-dos-homens-gays-e-bissexuais>

<https://homofobiabasta.wordpress.com/2011/06/08/os-10-problemas-de-saude-que-mais-afetam-os-gays/>

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf

Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=WV3Q8_ap42Y

SAÚDE DAS PESSOAS TRANS

Redação Memória LGBT



O acesso à saúde para as pessoas trans continua sendo um obstáculo, mesmo depois de tantas lutas e estudos que comprovam sua vulnerabilidade social. No entanto, essa situação tende a se modificar aos poucos, como aconteceu no último dia 29, onde o Ministério da

Saúde lançou uma campanha visando melhorar o atendimento aos pacientes trans.

Um dos obstáculos enfrentados pelas pessoas trans em relação à saúde é a dificuldade pela utilização do nome social na carteirinha do SUS, ainda que esse já seja um direito re-

conhecido pelo Ministério da Saúde.

O Decreto nº 51.180, de 14 de janeiro de 2010 dispõe sobre a inclusão e uso do nome social de pessoas travestis e transexuais nos registros municipais relativos a serviços públicos

Entre as principais reclama-

ções apontadas pelas pessoas trans estão a demora para conseguir o tratamento hormonal e a cirurgia, além das diversas situações constrangedoras com as quais elas são obrigadas a lidar na recepção dos locais de saúde pública.

Por encontrarem dificuldades na utilização do nome social na carteirinha do SUS, muitas pessoas trans têm seus nomes de registro expostos, quando a atendente chama pelo paciente, por exemplo. Esse tipo de situação gera constrangimento e é um dos motivos pelos quais a população trans prefere se manter afastada dos hospitais.

Quando gozamos de boa saúde e não precisamos enfrentar filas de atendimento médico, a situação ainda se torna um pouco mais confortável. O problema, é que nem todo mundo conta com essa sorte, e existem muitas pessoas que precisam de tratamento constante para doenças crônicas.

É importante deixar claro que qualquer pessoa trans tem o direito de usar o nome social na carteirinha do SUS e de ser bem tratada em qualquer estabelecimento público. Se isso não acontecer, a pessoa em questão tem todo o direito de denunciar o funcionário desrespeitoso e fazer valer as suas obrigações.

Não é justo que uma pessoa seja julgada e impedida de frequentar lugares públicos para cuidar de sua própria saúde somente porque as pessoas que trabalham lá agem de forma preconceituosa. Não é justo que as pessoas trans tenham que se anular pelo comportamento de outras pessoas, que não conhecem suas histórias e não sabem nada sobre elas.

A dificuldade das pessoas trans para conseguir o tratamento hormonal

Somente as pessoas trans são capazes de avaliar o quanto é difícil manter-se em um corpo inadequado. Pensar, agir e sentir como mulher estando preso

à um corpo masculino e vice versa é uma situação desesperadora, que leva muitas pessoas à tomarem decisões extremas como o suicídio.

O Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais do Centro de Referência e Treinamento DST/Aids de São Paulo, é o órgão estadual responsável pelo protocolo inicial de atendimento às pessoas trans.

De acordo com o protocolo do CRT, é necessário o acompanhamento ambulatorial com uma equipe multiprofissional e uma idade mínima de 18 anos para que o paciente tenha acesso ao tratamento transexualizador.

Para a cirurgia, a idade mínima do paciente deve ser de 21 anos e o mesmo deve ter passado por pelo menos 1 ano de acompanhamento com a equipe do CRT.

Aos poucos, as pessoas trans vão conquistando os seus direitos e o governo vai tomando consciência da sua atuação nessa causa.

Fonte de Pesquisa:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbt/legislacao/index.php?p=150962

<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/21893-ministerio-lanca-campanha-voltada-a-saude-da-populacao-trans>

<http://www.ceert.org.br/noticias/saude/10023/acesso-a-saude-ainda-e-obstaculo-para-pessoas-trans>

Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=nV2tk_-HorQ

Envie sua história,
conte suas
memórias, **denuncie**
a discriminação.

Envie também
depoimentos, contos,
relatos, fotos
e o que mais quiser.

revista@memorialgbt.com

REVISTA MEMÓRIA LGBT